

RELAÇÃO ENTRE PARES E GÉNERO: CONTRIBUTOS DA ADAPTAÇÃO DO *PEER RELATIONS QUESTIONNAIRE* ENTRE ADOLESCENTES PORTUGUESES

Paulo C. Dias*, Irene Cadime**, José A. García del Castillo***

SÍNTESE: A compreensão das diferenças de género nos comportamentos ajustados ou pró-sociais e nas relações de violência entre os pares, seja na perspetiva do perpetrador ou da vítima, é essencial para a educação. Com o conhecimento destes fenómenos podemos reconhecer sinais e comportamentos, mas também ajustar a intervenção psicoeducativa, de forma a promover o desenvolvimento integral de todos os alunos. Por conseguinte, este trabalho centra-se em dois objectivos: avaliar as propriedades psicométricas do *Peer Relations Questionnaire* na população Portuguesa e, partindo dos resultados obtidos no mesmo, explorar as relações entre pares em função do género. Para isso, foram realizados dois estudos junto de duas amostras, com 304 e 712 adolescentes, com idades compreendidas entre os 11 e os 16 anos. Os resultados forneceram evidência de validade e fidelidade para o instrumento. Resultados de estudos diferenciais e de associação apontaram ainda diferenças significativas na relação entre pares em função do género, com os rapazes a apresentarem maior nível de violência em relação aos pares, mas também a relatarem ser mais vítimas dessa violência, comparativamente com as raparigas. Inversamente, as raparigas parecem exibir maiores níveis de comportamento pró-social. Encontrou-se ainda uma relação negativa entre violência e idade, assim como com a escolaridade do pai. Estes resultados são discutidos neste artigo à luz da literatura existente, apresentando-se também as suas implicações para a investigação e intervenção.

Palavras-chave: relação entre pares | adolescência | adaptação | género.

151

* Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, Portugal.

** Centro de Investigação em Estudos da Criança, Instituto de Educação, Universidade do Minho, Portugal

*** Universidade Miguel Hernández, Espanha.

RELACIÓN ENTRE PARES Y GÉNERO: APORTACIONES DE LA ADAPTACIÓN DEL PEER RELATIONS QUESTIONNAIRE ENTRE ADOLESCENTES PORTUGUESES

SÍNTESES: *Comprender las diferencias entre iguales y de género en comportamientos prosociales en situaciones de violencia, desde la perspectiva del individuo activo o de la víctima, es esencial para la educación. A partir del conocimiento de estos fenómenos podemos reconocer señales y comportamientos, pero también ajustar la intervención psicoeducativa, de modo a promover el desarrollo integral de todos los alumnos. Por lo tanto, este trabajo se centra en dos objetivos: evaluar las propiedades psicométricas del Peer Relations Questionnaire aplicado a la población portuguesa y, a partir de los resultados obtenidos, explorar las relaciones entre pares en función del género. Para ello, fueron realizados dos estudios a partir de dos muestras, con 304 y 712 adolescentes, con edades comprendidas entre 11 y 16 años. Los resultados demostraron la validez y fidelidad del instrumento. Resultados de estudios diferenciales y de asociación apuntaron también diferencias significativas en la relación entre pares en función del género. Los chicos presentaron mayor nivel de violencia entre pares, pero también han manifestado ser víctimas de esa violencia, en comparación con las chicas. Por otro lado, las chicas demostraron mayor nivel de comportamiento prosocial. Se ha observado también una relación negativa entre violencia y edad, así como entre violencia y escolaridad del padre. En este artículo estos resultados son discutidos a la luz de la literatura existente, presentándose a la vez sus implicaciones para la investigación y la intervención.*

Palabras clave: *relación entre pares | adolescencia | adaptación | género.*

PEER RELATIONS AND GENDER: CONTRIBUTES OF THE ADAPTATION OF PEER RELATIONS QUESTIONNAIRE TO PORTUGUESE ADOLESCENTS

ABSTRACT: *Understanding the differences in peers' relationships between genders, whether these relationships are characterized by the existence of prosocial behavior or violence towards others, are essential for education. Only with the appropriate knowledge of this reality we can recognize signs and behaviors but also adjust the psycho-educational intervention to promote the integral development of all students. Therefore, this paper is focused on two goals: to evaluate the psychometric properties of the Peer Relations Questionnaire in the Portuguese population and, using the results obtained in it, to explore the existence of differences in the relationships between peers by gender. Two studies have been conducted using two samples, composed of 304 and 712 adolescents aged between 11 and 16 years old. The results provided evidence for the instrument validity and reliability. Results from the differences and association tests, also allowed us to find significant differences in peer relationship by gender, with boys being more violent to peers but also being more victims that type of violence, and girls demonstrating more prosocial behavior. A negative relationship between violent behavior and age was also found, as well as between violent behavior of the adolescents and the father's academic qualifications. These results are discussed based on the literature, and implications for research and intervention are presented.*

Keywords: *peer relationships | adolescence | adaptation | aender.*

1. INTRODUÇÃO

A adolescência é um período de intensas mudanças, de desafios e oportunidades. Uma das mudanças mais complexas ocorre no nível das relações sociais, e caracteriza-se por um maior afastamento em relação à família (GONZÁLEZ *et al.*, 2002), assim como por uma aproximação mais intensa em relação aos pares (FURMAN *et al.*, 1992). Apesar de alguns autores sugerirem que a magnitude da influência dos pares neste período possa estar a ser sobrestimada (DE LEEW *et al.*, 2008), adoptando perspectivas mais relacionais no estudo da adolescência (SMETANA *et al.*, 2006), é consenso que os pares assumem um papel particularmente importante na adolescência, permitindo a cada indivíduo compreender-se melhor a si mesmo na relação com os outros (E. FARMER *et al.*, 1999). A necessidade de integração no grupo de pares e a procura de aceitação pode criar um estado de maior vulnerabilidade no adolescente, quanto a se conformar a normas e regras dos grupos (FINKENAUER *et al.*, 2002; LOEBER *et al.*, 1997; ROSEN *et al.*, 2013), surgindo, então, as primeiras experiências de risco.

Partindo deste enquadramento, o presente trabalho centra-se sobre a relação entre o pares na adolescência, tentando perceber a sua manifestação em função de variáveis demográficas, com particular enfoque no género. O conhecimento destas diferenças pode permitir potenciar a investigação e, especialmente, a intervenção psicoeducativa.

Para que tal seja possível, é necessário dispor de instrumentos de avaliação válidos e com sólidas propriedades psicométricas. Contudo, encontramos relativamente poucos instrumentos de avaliação das relações entre pares na adolescência adaptados ao contexto português. Por esse motivo, este estudo parte da adaptação cultural de um instrumento de avaliação da relação entre pares para compreender os efeitos do género na sua manifestação e perceber, também, se a relação entre a idade, escolaridade dos pais e dimensões da relação entre pares (comportamento pró-social e violência) têm diferente magnitude em rapazes e em raparigas. Como instrumento de avaliação optou-se pelo *Peer Relations Questionnaire* (RIGBY *et al.*, 1993). Trata-se de um instrumento curto, mas que permite avaliar as relações entre pares, nomeadamente, no que diz respeito à *existência* de comportamentos de *bullying*, percepção de ser vítima de comportamentos agressivos por parte dos pares, assim como a presença de comportamentos assertivos ou pró-sociais.

2. A RELAÇÃO ENTRE PARES E GÉNERO

Embora a influência dos pares no comportamento dos adolescentes seja muitas vezes mediada pelo controlo dos pais, é indubitável que esta etapa corresponde a um período de mudança nas relações. Algumas evidências sugerem que os pais são actores importantes no estabelecimento de relações dos adolescentes (LADD *et al.*, 2002), na monitorização que fazem dos grupos de pares com quem os adolescentes se envolvem (DE LEEW *et al.*, 2008), estabelecendo limites ou minimizando o acesso a grupos de pares desviantes (DISHION *et al.*, 1998; KERR *et al.*, 2000). Mesmo entre adolescentes que estão envolvidos em grupos de pares desviantes, o controlo comportamental exercido pelos pais parece diminuir o crescimento da externalização do comportamento na adolescência (GALAMBOS *et al.*, 2003). Contudo, o aumento das horas que os alunos passam na escola e a pressão social sobre os pais, parecem estar a criar condições para um menor acompanhamento destes comportamentos. Além disso, a maior atenção da opinião pública e da investigação realizada parecem mostrar uma crescente violência e agressividade nas escolas, espaços cada vez maiores e diversos (FREIRE *et al.*, 2006). Importa, portanto, dedicar atenção a este fenómeno que, levado ao extremo, pode prejudicar o clima na escola, apto para a aprendizagem e o ensino (VEIGA, 2007). Na verdade, são vários os estudos que sugerem uma relação entre o desajustamento nas relações sociais e menor sucesso escolar (BANDEIRA *et al.*, 2006; MEDEIROS *et al.*, 2004; MEDEIROS *et al.*, 2000).

154

Tal como tem sido sublinhado por distintos investigadores (HABER *et al.*, 2009; SMITH *et al.*, 1995; SULLIVAN, 2000), importa explorar situações que se materializem em situações de abuso, como o *bullying*, numa tentativa por perceber os fatores que permitem a sua identificação e a intervenção adequada (HONG *et al.*, 2012; Lourenço, 2010). Embora muitas vezes se associe a violência a contextos mais desfavorecidos ou de níveis socioeconómicos baixos (CHAUHAN *et al.*, 2009), a literatura sugere que este é um fenómeno transversal, manifestado por crianças e jovens de diversos grupos e em diversos contextos (CHAUX *et al.*, 2009; HABER *et al.*, 2009). Desde há bastantes décadas que alguns estudos sugerem que estes comportamentos são mais comuns entre jovens no início da adolescência, diminuindo no período desenvolvimental que coincide com a entrada no ensino secundário (LORANGER *et al.*, 1986; HONG *et al.*, 2012; LOURENÇO *et al.*, 2004), o que pode ser associado às mudanças típicas desta faixa etária, sejam estas mudanças físicas ou de cariz cognitivo, social e emocional. Outros autores sugerem uma relação entre estes comportamentos e a falta de objetivos numa fase inicial da adolescência (LOURENÇO *et al.*, 2010), diminuindo à medida que os adolescentes se focam no futuro e perspetivam a escola como um lugar importante para a construção da sua carreira (PAIVA, 2003).

Contudo, importa explorar um pouco mais este fenómeno, considerando uma variável essencial que é o género. Se formos capazes de perceber diferenças nas variáveis sociodemográficas, mais facilmente poderemos ajustar as práticas educativas e as intervenções psicopedagógicas aos alunos. A investigação tem mostrado que as raparigas adaptam melhor o seu comportamento às normas sociais e da escola (Paiva, 2003), enquanto os rapazes tendem a apresentar mais comportamentos disruptivos, sejam de violência ou *bullying*, mas são também as principais vítimas deste tipo de comportamento (HONG *et al.*, 2012; LOURENÇO *et al.*, 2009; ROMITO *et al.*, 2007; VEIGA, 1995). Se é verdade que muitas vezes associamos estas diferenças à competitividade e à auto-afirmação (LOURENÇO *et al.*, 2010), que tendem a ser superiores entre os rapazes, alguns estudos desenvolvimentais, mesmo realizados com amostras de bebés ou com crianças na primeira infância, verificam uma maior dificuldade dos rapazes na regulação emocional e comportamental desde tenras idades, como aos seis meses de idade (KOCHANSKA *et al.*, 1997; KOCHANSKA *et al.*, 2000; MCCABE *et al.*, 2007; WEINBERG *et al.*, 1999). No entanto, estudos relativamente recentes têm notado grande aproximação entre os géneros na prevalência de comportamentos de *bullying* e na prevalência de situações em que ambos os géneros são vítimas do mesmo, assim como em outros problemas relacionais (HONG *et al.*, 2012).

Com o intuito de contribuir para este debate, neste trabalho pretende-se adaptar para a população portuguesa o *Peer Relations Questionnaire* (RIGBY *et al.*, 1993). De uma forma simples, com um número reduzido de itens, este instrumento permite perceber dinâmicas na relação entre o indivíduo e o grupo de pares, seja de agressividade e *bullying* em relação aos pares, como vítima dos pares ou na manutenção de um comportamento pró-social ou assertivo. Desta forma, integra informações que tendem a ser captadas por instrumentos mais longos ou centrados em competências diferentes (CAIRNS *et al.*, 1995; MICHELSON *et al.*, 1984; VEIGA, 1991) ou itens integrados em outros instrumentos mais abrangentes como o Health Behaviour in School-aged Children da Organização Mundial de Saúde (MATOS *et al.*, 2000). Com este instrumento, curto e simples, é possível recolher informação relevante para uma avaliação rigorosa e um conhecimento adequado da realidade em questão. Tendo sido já adaptado e utilizados em estudos de larga escala em diversos países (BOND *et al.*, 2007; GAN *et al.*, 2014; HUSLEY, 2008; MORRISON, 2006; TABAEIAN *et al.*, 2012), pode ainda contribuir para um melhor conhecimento sobre relação entre pares e género.

3. ESTUDO EMPÍRICO

Com o presente trabalho, pretende-se adaptar para a população portuguesa um instrumento de avaliação da relação entre pares, explorando as suas propriedades psicométricas e, a partir desses dados, explorar diferenças de género na relação entre pares, bem como explorar influências adicionais tais como a idade, escolaridade dos pais, desempenho escolar e horas de estudo.

De acordo com as boas práticas para a adaptação de instrumentos (BORSA *et al.* 2012; CARRETERO-DIAS *et al.* 2007; HENSON *et al.* 2006; MATSUNAGA, 2010), foram utilizados procedimentos de análise factorial exploratória e confirmatória, com recurso a duas amostras distintas, para aumentar a validade interna e externa do estudo. Se a primeira é utilizada para a construção da teoria, uma vez que parte dos dados para a interpretação teórica, a segunda metodologia permite testar um modelo teórico, de acordo com indicadores de ajustamento determinados (HENSON *et al.* 2006; MATSUNAGA, 2010; PILATI *et al.* 2007).

Assim, no primeiro estudo apresentam-se os dados da análise exploratória do instrumento e estudos inferenciais que têm por objetivo perceber diferenças em função do género. No segundo estudo, efetuado com uma amostra de maior dimensão, pretende-se confirmar a estrutura do instrumento e verificar se as diferenças encontradas no primeiro estudo são contestadas.

156

ESTUDO 1

Amostra

A amostra do estudo 1 foi constituída por 304 adolescentes, dos quais 157 eram rapazes (51.8%) e 146 raparigas (48.2%), com idades entre os 11 e os 15 anos ($M = 12.32$, $DP = 1.274$). Os adolescentes frequentavam o ensino básico (do 6.º ano 9.º ano de escolaridade) e os seus pais tinham escolaridade diversificada que variava entre o ensino primário e o universitário ($M_{dn} = 6^\circ$ ano, tanto para a escolaridade do pai como da mãe).

Instrumentos

Questionário sociodemográfico

Foi utilizado um questionário sociodemográfico que permitiu recolher dados sobre os participantes, nomeadamente o género, idade, ano de escolaridade frequentado e escolaridade dos pais, assim como indicadores do seu desempenho escolar a Língua Portuguesa e Matemática, a par das horas dedicadas ao estudo semanalmente.

Peer Relations Questionnaire

O *Peer Relations Questionnaire* (RIGBY *et al.* 1993) é um instrumento constituído por 12 itens, desenvolvido originalmente na Austrália, que permite recolher dados sobre a relação com o grupo pares. A partir da informação fornecida por via de autorrelato, permite diferenciar três tipos distintos de relações entre pares: (a) exibição de comportamento assertivo ou pró-social no relacionamento com os pares; (b) exibição de comportamento abusador ou *bully* para com os pares e (c) a vitimização, resultante de comportamento abusador por parte dos pares. Na sua versão original, cada dimensão é avaliada através de quatro itens que inquiram sobre a frequência com que determinadas situações acontecem com o estudante, sendo-lhe pedido que utilize uma escala de resposta de tipo *likert* com quatro pontos (1=nunca a 4=sempre) para avaliar essa frequência. Quanto maior a pontuação obtida, maior a frequência de situações em que é vítima dos pares, em que exhibe comportamentos agressivos (*bully*) ou em que tem um comportamento pró-social com os pares.

Procedimento

O processo de adaptação da escala de relações entre os pares iniciou-se com a tradução do questionário. Esta tradução foi efetuada por dois investigadores com bom domínio da Língua Inglesa, que executaram o processo autonomamente. As traduções obtidas foram comparadas e discutidas até se encontrar a versão experimental adaptada para o contexto português. De seguida, foram contactadas duas escolas no norte do país, por motivos de conveniência, para a administração dos instrumentos de recolha de dados. Com a autorização das instituições e após ter sido solicitado o consentimento dos pais, os instrumentos foram administrados aos estudantes por um investigador em cada sala de aula, durante tempos cedidos pelos professores. Antes da administração dos instrumentos, foram esclarecidos, ante os alunos, os objetivos do estudo, assim como o carácter anónimo, confidencial e voluntário da sua participação.

Recolhidos os dados, foram analisados com o programa de tratamento estatístico *Statistical Package for Social Sciences*, versão 15. Realizou-se uma análise fatorial exploratória com recurso ao método de componentes principais e rotação *varimax*. Calculou-se seguidamente o Alfa de Cronbach para avaliação da consistência interna dos itens em cada uma das subescalas.

Para testar a existência de diferenças em função do género nas três dimensões da relação entre pares recorreu-se ao teste t de student. Para avaliar a existência de uma associação entre as relações entre pares e a idade recorreu-se ao cálculo do coeficiente de correlação de Pearson, bem como ao coeficiente de correlação de Spearman para testar a existência de uma associação com a escolaridade, desempenho escolar e horas de estudo.

4. RESULTADOS

Análises psicométricas da escala

Para avaliar a estrutura subjacente ao instrumento, os 12 itens foram submetidos a uma análise factorial exploratória. Obteve-se um valor de .736 para o teste de Kaiser-Meyer-Olkin e um valor de $p < .01$ para o teste de Bartlett, o que indica que os dados reuniam os requisitos para a realização da análise factorial exploratória.

A análise permitiu identificar três fatores com valor próprio superior a 1 que explicam 55% da variância total. Conforme se pode observar no Quadro 1, os resultados são semelhantes aos apresentados no modelo subjacente à escala original, com os itens que saturam no factor 1 a corresponderem à subescala Vítima, no factor 2 os itens da subescala *bullye* e no factor 3 os itens da subescala Pró-social. Os valores do alfa de Cronbach variaram entre .586 e .778. Esses dados permitem inferir uma adequada validade de construto e uma fidelidade aceitável.

QUADRO 1

Análise Factorial Exploratória do Questionário sobre a Relação entre Pares

	Componente		
	1	2	3
PRQ10 Alguns/Algumas colegas fazem troça de mim	.863		
PRQ11 Alguns/Algumas colegas batem-me e empurram-me	.847		
PRQ1 Alguns/Algumas colegas chamam-me nomes	.749		
PRQ3 Sou incomodado por outros colegas	.624		
PRQ6 Gosto de fazer com que os outros tenham medo de mim		.829	
PRQ9 Gosto de me envolver em lutas com colegas a quem possa bater facilmente		.706	
PRQ4 Faço parte de um grupo que costuma chatear os colegas		.666	
PRQ8 Eu divirto-me a «pegar» com colegas tímidos e inibidos		.570	
PRQ12 Gosto de ajudar os outros			.719
PRQ5 Gosto de ajudar pessoas que estão a ser incomodadas			.696
PRQ7 Eu partilho coisas com os outros			.661
PRQ2 Gosto de fazer amigos/as			.630
Valor próprio	3.038	2.088	1.505
% da variância	25.314	17.404	12.538
α de Cronbach	.778	.674	.586

Relação entre pares e género

Quando analisadas as pontuações médias em função do género, verificamos diferenças significativas na dimensão *bully* [$t_{(285)} = 3.286, p < .01$] e pró-social [$t_{(288)} = -3.693, p < .01$], com os rapazes a apresentar média superior no abuso em relação aos pares ($M = 5.810, DP = 2.065$, para $M = 5.036, DP = 1.917$) e menor média nos comportamentos pró-sociais ($M = 13.235, DP = 2.015$, para $M = 14.064, DP = 1.794$).

Nas restantes variáveis pessoais, foi encontrada uma relação negativa entre a idade e a dimensão vítima ($r = -.120, p = .039$), assim como entre a dimensão *bully* e a escolaridade do pai ($r = -.146, p = .016$). Apesar de não se encontrar uma relação entre as dimensões avaliadas da relação entre pares e as classificações a Português ou Matemática, percebe-se uma relação negativa entre as pontuações na subescala *bully* e as horas de estudo ($r = -.162, p = .008$) e positiva com o comportamento pró-social ($r = .123, p = .042$). No entanto, quando separamos os casos por género, percebemos nos rapazes uma correlação negativa um pouco mais forte entre idade e a dimensão vítima ($r = -.234, p = .004$) e uma correlação positiva nas raparigas entre a idade e o *bully* ($r = .196, p = .021$). Também na escolaridade, verifica-se uma relação mais forte entre a escolaridade do pai e a dimensão *bully* entre os rapazes ($r_s = -.217, p = .011$).

Apesar de não se encontrar uma relação entre as dimensões avaliadas da relação entre pares e as classificações a Português ou Matemática, percebe-se uma relação negativa entre as horas de estudo e as pontuações na subescala *bully* ($r_s = -.162, p = .008$) e positiva com o comportamento pró-social ($r_s = .123, p = .042$). Analisando os dados por género, é confirmada apenas a relação negativa entre a dimensão *bully* e horas de estudo por semana entre os rapazes ($r_s = -.206, p = .016$). Nas restantes dimensões não se percebem relações significativas.

ESTUDO 2

Amostra

A amostra do estudo 2 foi constituída por 712 adolescentes, com idades que variavam entre os 11 e os 16 anos ($M = 12.68, DP = 1.634$), dos quais 338 rapazes (47.7%) e 371 raparigas (52.3%). A sua escolaridade variava entre o 6.º ano e o 12.º ano ($M_{dn} = 7^\circ$ ano) e a dos pais entre o ensino primário e o ensino superior, tanto do pai ($M_{dn} = 6.º$ ano) como a mãe ($M_{dn} = 6.º$ ano)

Instrumento

Os instrumentos utilizados foram os mesmos que no estudo 1: um questionário sociodemográfico para recolher informação sobre as características da amostra e o *Peer Relations Questionnaire* (RIGBY & SLEE, 1993).

Procedimento

O procedimento de recrutamento da amostra, de administração dos instrumentos para a recolha de dados e os procedimentos de salvaguarda das questões éticas foram semelhantes aos utilizados no estudo 1.

Os dados foram informatizados recorrendo-se ao programa de tratamento estatístico *Statistical Package for Social Sciences* (v. 15), também utilizado para a realização dos estudos inferenciais. A análise fatorial confirmatória foi realizada com recurso ao programa AMOS (16.0). Para este procedimento, foram considerados como indicadores de bom ajustamento do modelo: χ^2/df inferior a 3, *Comparative Fit Index* (CFI) superior a .90, e *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA) inferior a .06 (KLEIN, 2010). A fidelidade foi novamente testada com o recurso ao Alfa de Cronbach. Nos testes inferenciais, foram utilizados o teste t de Student para diferenças de médias nas dimensões da relação entre pares em função do género, e correlações de Pearson na relação com a idade e Spearman com a escolaridade dos pais, desempenho escolar e horas de estudo.

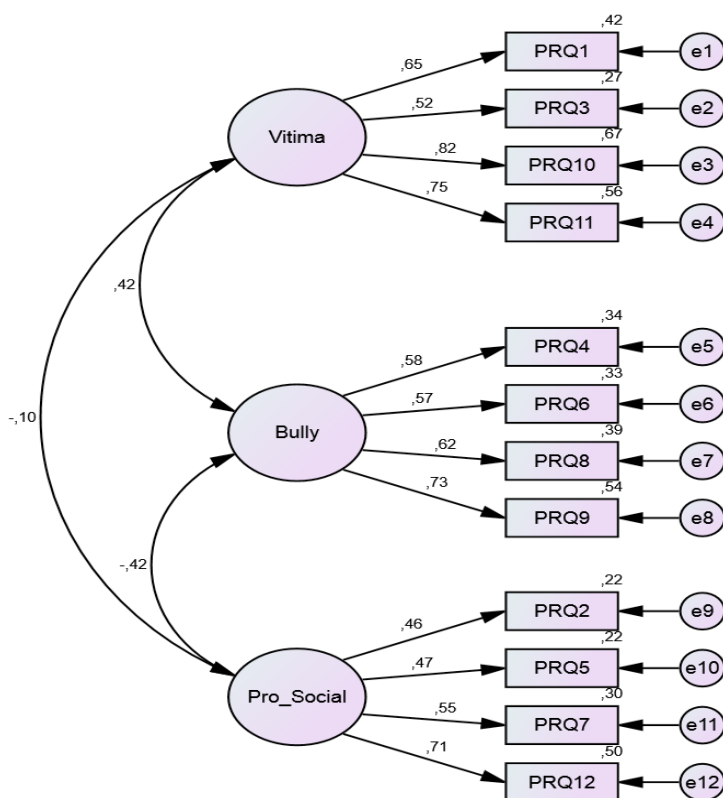
5. RESULTADOS

Análises psicométricas da escala

Os resultados da análise fatorial confirmatória indicaram que o modelo teórico apresenta indicadores de validade que podem ser considerados muito bons, dado o χ^2/df ratio = 2.418, CFI = 0.957, RMSEA = 0.045 (intervalo de confiança 90% = 0.035 – 0.055). Conforme se percebe na Figura 1, todos os itens apresentam valores de saturação elevados ($\lambda > .40$, $p < .05$) nos respetivos fatores. Em termos de fidelidade, os valores também podem ser considerados aceitáveis, dados os valores do alfa de Cronbach de .767 na dimensão vítima, .704 na dimensão bully e .614 na dimensão pró-social.

FIGURA 1

Análise Fatorial Confirmatória do Questionário sobre a Relação entre Pares



Relação entre pares e género

Analisando os dados recolhidos em função do género, foram encontradas diferenças significativas na dimensão *bully* [$t_{(666)} = 5.562, p < .01$] e pró-social [$t_{(682)} = -4.118, p < .01$], com os rapazes a apresentar uma média superior no comportamento abusivo em relação aos pares ($M = 5.978, DP = 2.257$, para $5.074, DP = 1.944$), e menor na dimensão do comportamento pró-social ou assertivo ($M = 12.920, DP = 2.198$, para $13.589, DP = 2.052$). Quando se relacionam as pontuações nas três dimensões da relação entre pares com a idade dos participantes, percebemos uma correlação negativa com a dimensão vítima ($r = -.242, p < .01$) e *bully* ($r = -.095, p = .014$). A mesma

correlação negativa é encontrada entre a dimensão *bully* e a escolaridade do pai ($r_s = -.079$, $p = .049$). Encontrou-se ainda uma relação negativa entre a pontuação na dimensão vítima e as classificações a português ($r_s = -.348$, $p < .01$) e matemática ($r_s = -.311$, $p < .01$) e no *bully* com a nota a português ($r_s = -.137$, $p = .027$). Na relação com as horas de estudo, encontramos uma relação negativa com o *bully* ($r_s = -.136$, $p < .01$) e positiva com a dimensão pró-social ($r_s = -.131$, $p < .01$).

Analisando a relação entre as variáveis em função do gênero, verificamos correlações negativas entre a idade e as dimensões vítima de comportamento abusivo ($r = -.243$, $p < .01$) e comportamento pró-social ($r = -.112$, $p = .044$) no grupo dos rapazes, bem como uma correlação negativa entre a idade e a dimensão vítima nas raparigas ($r = -.230$, $p < .01$).

Quando se analisa a existência de diferenças na relação entre pares em função da escolaridade dos pais em cada um dos gêneros separadamente, também se encontra uma correlação negativa entre a dimensão *bully* e a escolaridade do pai nos rapazes ($r_s = -.126$, $p = .032$). Já na correlação entre as dimensões da relação entre pares avaliadas e o rendimento escolar, percebemos uma relação negativa entre a pontuação na subescala de vítima e as classificações a Português ($r_s = -.276$, $p = .002$) e Matemática ($r_s = -.236$, $p = .01$) nos rapazes, sendo encontrado o mesmo efeito nas raparigas ($r_s = -.360$, $p < .01$ e $r_s = -.334$, $p < .01$, respectivamente). Também aqui, verifica-se uma relação negativa entre as horas de estudo e a dimensão *bully* nos rapazes ($r_s = -.145$, $p = .015$). Nas restantes dimensões não existem correlações significativas.

162

6. DISCUSSÃO

O presente estudo teve dois grandes objetivos: (1) estudar as propriedades psicométricas do *Peer Relations Questionnaire* para a população Portuguesa; e (2) explorar a relação entre dimensões da relação entre pares e outras variáveis demográficas, focando particularmente as diferenças em função do gênero.

Em ambos os estudos, os resultados fornecem evidência de validade e fidelidade para o questionário. Os resultados da análise fatorial exploratória (estudo 1) sugerem que todos os itens saturam nos fatores previstos na versão original (Rigby & Slee, 1993), com quatro itens em cada uma das dimensões com valores de saturação superior a .40. No estudo de validação cruzada (estudo 2), com uma segunda amostra e com a utilização de procedimentos de análise fatorial confirmatória, verificou-se que o modelo teórico testado

apresenta bons indicadores de ajustamento (KLEIN, 2010), o que sugere a sua adequabilidade para a avaliação da relação entre pares na nossa realidade cultural. Também no que respeita à fidelidade, avaliada com recurso ao método de consistência interna, os resultados parecem ser adequados.

Quando analisadas e integradas as informações dos dois estudos, percebe-se a existência de consistência nos resultados no que respeita a padrões de relação relativos a rapazes e a raparigas. Os rapazes tendem a manifestar maiores níveis de bullying, enquanto as raparigas tendem a apresentar maiores níveis de comportamento pró-social. Estes resultados vão ao encontro dos relatados extensivamente na literatura, que associam aos rapazes comportamentos mais externalizadores e disruptivos (HONG *et al.* 2012; LOURENÇO *et al.* 2009; ROMITO *et al.* 2007; VEIGA, 1995), o que pode explicar a maior prevalência de problemas de comportamento neste grupo. Este comportamento pode ser resultado não apenas de questões educativas e culturais, mas de outras componentes de regulação emocional (MCCABE *et al.* 2007), cujo desenvolvimento exige a atenção e um acompanhamento adequado dos pais.

A correlação inversa entre a percepção de ser vítima de comportamentos violentos e a idade pode denotar maior capacidade de lidar com este comportamento abusivo dos pares à medida que se avança no desenvolvimento, visto que são os participantes mais velhos a reportarem menor frequência deste tipo de relações.

Os resultados mostraram ainda maior tendência da existência de comportamento abusivo para com os pares (*bully*) entre adolescentes com pais com menor escolaridade. Mais do que a escolaridade em si, estes dados podem resultar de uma interação mais agressiva e com menos autocontrolo, manifestado nas interações entre pais e filhos, assim como nas mensagens sobre como se relacionar com os outros (DUBOW *et al.* 2009).

Os dados sugerem ainda uma relação entre o tempo de estudo e o tipo de relação com os pares, com os alunos com maior comportamento abusivo em relação aos pares a estudarem menos tempo, ao contrário do que acontece com alunos com maiores níveis de comportamento pró-social. No entanto, não há resultados completamente conclusivos sobre a existência de uma associação entre as classificações escolares e as relações com os pares. Se no primeiro estudo, a qualidade das relações não se parece repercutir no desempenho escolar, no segundo estudo esta relação apresenta-se como significativa. Diferenciando os dados por género, percebemos na generalidade relações mais fortes no grupo dos rapazes, o que parece decorrer do maior envolvimento destes nas formas desajustadas de relação com os outros. São, também, mais influenciados pela escolaridade dos pais e parece haver uma

maior associação entre o tipo de relações estabelecido com os pares e as horas dedicadas ao estudo.

Em síntese, os dados sugerem marcadas diferenças no tipo de relação entre pares em função do gênero, com as raparigas a serem menos influenciadas pela escolaridade dos pais, e os rapazes, especialmente aqueles cuja escolaridade do pai é mais baixa, a apresentarem maior comportamento desajustado, seja de violência em relação aos pares, seja como vítima de violência.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerados os dados do presente estudo, destacam-se alguns aspectos particularmente relevantes. Em primeiro lugar, devem salientar-se as boas propriedades da adaptação deste instrumento para a realidade portuguesa. Esta adaptação facilitará, assim, a sua utilização na investigação neste domínio, sendo este um instrumento particularmente curto e de fácil administração.

164

Além disso, os dados apontam diferenças notórias no comportamento dos adolescentes, com os rapazes a constituírem-se mais como vítimas e agentes perpetradores ativos em situações de violência, enquanto as raparigas apresentam mais comportamentos de tipo pró-social ou assertivo. Estes dados sugerem necessidades pedagógicas ou psicoeducativas relevantes, nomeadamente, a necessidade de estratégias de sensibilização e prevenção de comportamento violento, dirigido de forma diferencial por gênero. Para além disso, sugerem também a necessidade de uma intervenção intencional nas salas de aula para promover comportamentos adequados, conscientes de que rapazes e raparigas são influenciados pela cultura de forma diferente desde muito cedo nas suas vidas, pelo que o desenvolvimento de competências como o autocontrolo ou autorregulação podem ser conquistas essenciais no seu desenvolvimento social e emocional.

Apesar destas evidências, será de considerar que este é um instrumento de autorrelato sensível à deseabilidade social. Pelo que estudos seguintes, com amostras mais diversificadas devem aprofundar o impacto específico dos pais no comportamento violento, seja pela influência da escolaridade, mas também das práticas relacionais, as mensagens explícitas e implícitas ao comportamento violento e ao envolvimento na escola. A integração de variáveis individuais e relacionais, num modelo mais ecológico, permitirá compreender melhor o efeito destas variáveis na violência em função do gênero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANDEIRA, M., ROCHA, S., SOUZA, T. M., DEL PRETTE, Z. A. e DEL PRETTE, A. (2006). Comportamentos problemáticos em estudantes do ensino fundamental: Características da ocorrência e relação com habilidades sociais e dificuldades de aprendizagem. *Estudos de Psicologia*, 11(2), 199-208.
- BOND, L., WOLFE, S., TOLLIT, M., BUTLER, H. e PATTON, G. (2007). A comparison of the Gatehouse Bullying Scale and the Peer Relations Questionnaire for students in secondary school. *Journal of School Health*, 77(2), 75-79.
- BORSA, J. C., DAMÁSIO, B. F. e BANDEIRA, D. R. (2012). Adaptação e validação de instrumentos psicológicos entre culturas: algumas considerações. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 22(53), 423-432.
- CAIRNS, R. B., LEUNG, M., GEST, S. D. e CAIRNS, B. D. (1995). A brief method for assessing social development: Structure, reliability, stability, and developmental validity of the interpersonal competence scale. *Behaviour Research and Therapy*, 33, 725-736.
- CARRETERO-DIOS, H. e PÉREZ, C. (2007). Standards for the development and review of instrumental studies: Considerations about test selection in psychological research. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 7, 863-882.
- CHAUHAN, P. e REPPUCCI, N. D. (2009). The impact of neighborhood disadvantage and exposure to violence on self-report of antisocial behavior among girls in the juvenile justice system. *Journal of Youth and Adolescence*, 38, 401-416.
- CHAUX, E., MOLANO, A. e PODLESKY, P. (2009). Socio-economic, socio-political and socioemotional variables explaining school bullying: A country-wide multilevel analysis. *Aggressive Behavior*, 35, 520-529
- DE LEEUW, R., SCHOLTE, R., VAN LEEUWE, J., HARAKEH, Z. e ENGELS, R. C. (2008). Parental influences on peer selection processes concerning smoking. *Journal of Youth and Adolescence*, 37, 1229-1241.
- DE LORANGER, M., VERRET, C. e ARSENAULT, R. (1986). Les enseignants et les conduites sociales de leurs élèves. *Revue Canadienne des Sciences du Comportement*, 18, 257-269.
- DISHION, T. J. e MCMAHON, R. J. (1998). Parental monitoring and the prevention of child and adolescent problem behavior: A conceptual and empirical formulation. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 1, 61-75.
- DUBOW, E. F., BOXER, P. e HUESMANN, L. R. (2009). Long-term effects of parents' education on children's educational and occupational success: Mediation by family Interactions, child aggression, and teenage aspirations. *Merrill-Palmer Quarterly*, 55(3), 224-249.
- FARMER, E. M. e FARMER, T. W. (1999). The role of schools in outcomes for youth: Implications for children's mental health services research. *Journal of Child and Family Studies*, 8(4), 377-396.
- FINKENAUER, C., ENGELS, R. C. e MEEUS, W. (2002). Keeping secrets from parents: Advantages and disadvantages of secrecy in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 31, 123-136.
- FREIRE, I., VEIGA SIMÃO, A. M. e FERREIRA, A. (2006). O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico - um questionário aferido para a população escolar portuguesa. *Revista Portuguesa de Educação*, 19(2), 157-183.

- FURMAN, W. e BUHRMESTER, D. (1992). Age and sex differences in perceptions of networks of social relationships. *Child Development*, 63, 103-115.
- GALAMBOS, N.L., BARKER, E.T. e ALMEIDA, D.M. (2003). Parents do matter: Trajectories of change in externalizing and internalizing problems in early adolescence. *Child Development*, 74, 578-594.
- GAN, S.S., ZHONG, C., DAS, S., GAN, J.S., WILLIS, S. e TULLY, E. (2014). The prevalence of bullying and cyberbullying in high school: a 2011 survey. *International Journal of Adolescent Medical Health*, 22, 1-5.
- GONZÁLEZ, C. e JIMÉNEZ, S. B. (2002). El consumo de alcohol en los adolescentes: apoyo parental y relación con los iguales. *Revista de Psicología de la Salud*, 14(2), 105-130.
- HABER, J. e GLATZER, J. (2009). *Bullying – manual anti-agressão*. Alfragide: Casa das Letras.
- HENSON, R.K. e ROBERTS, J.K. (2006). Use of exploratory factor analysis in published research: common errors and some comment on improved practice. *Educational and Psychological Measurement*, 66, 393-416.
- HONG, J.S. e ESPELAGE, D.L. (2012). A review of research on bullying and peer victimization in school: An ecological system analysis. *Aggression and Violent Behavior*, 17, 311–322
- HUSLEY, C. (2008). *Examining the psychometric properties of self-report measures of bullying: reliability of the Peer Relations Questionnaire*. Tese de Mestrado em Educação na Wichita State University.
- KERR, M. e STATTIN, H. (2000). What parents know, how they know it, and several forms of adolescent adjustment: Further evidence for a reinterpretation of monitoring. *Developmental Psychology*, 36, 366-380.
- KLEIN, R. B. (2010). *Principles and practice of structural equation modelling* (3rd Ed). New York: Guilford Press.
- KOCHANSKA, G., MURRAY, K. e COY, K. C. (1997). Inhibitory control as a contributor to conscience in childhood: From toddler to early school age. *Child Development*, 68, 263-277.
- KOCHANSKA, G., MURRAY, K.T. e HARLAN, E. (2000). Effortful control in early childhood: Continuity and change, antecedents, and implications for social development. *Developmental Psychology*, 36, 220-232.
- LADD, G.W. e PETTIT, G.S. (2002). Parents and children's peer relations. In M.H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting* (2^a Ed.). (pp. 337-409). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- LOEBER, R. e HAY, D. (1997). Key issues in the development of aggression and violence from childhood to early adulthood. *Annual Review of Psychology*, 48, 371-410.
- LOURENÇO, A. A. e PAIVA, M. O. (2004). *Disrupção Escolar – Estudo de casos*. Porto: Porto Editora.
- LOURENÇO, A. A. e PAIVA, M. O. (2009). Conflitos na escola – a dinâmica da mediação. *Psicologia, Educação e Cultura*, 12(2), 315-336.
- LOURENÇO, A. A. e PAIVA, M. O. (2010). *Disrupção Escolar e Rendimento Académico: Um Estudo com Modelos de Equações Estruturais*. Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia Universidade do Minho, Portugal, 4 a 6 de Fevereiro de 2010.
- LOURENÇO, A. A. (2010). *Disrupção Escolar no 3.º Ciclo do Ensino Básico: Influência do Ambiente Psicossociológico da Sala de Aula*. Trabalho de Pós-Doutoramento, não publicado. Porto. Universidade Fernando Pessoa.

- MATOS, M. G. e Projecto Aventura Social (2000). *A saúde dos adolescentes portugueses: Estudo nacional da rede europeia HBSC / OMS (1998)*. FMH/PEPT.
- MATSUNAGA, M. (2010). How to factor-analyse your data right: Do's, don'ts, and how-to's. *International Journal of Psychological Research*, 3(1), 97-110.
- MCCABE, L. A. e BROOKS-GUNN, J. (2007). With a little help from my friends?: Self-regulation in groups of young children. *Infant Mental Health Journal*, 28, 584-605.
- MEDEIROS, P. C. e LOUREIRO, S. R. (2004). A observação clínica do comportamento de crianças com queixa de dificuldade de aprendizagem. In E. M. Marturano, M. B. M. Linhares e S. R. Loureiro (Orgs.), *Vulnerabilidade e proteção: indicadores na trajetória de desenvolvimento do escolar* (pp. 107-122). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- MEDEIROS, P. C., LOUREIRO, S.R., LINHARES, M. B. M. e MARTURANO, E. M. (2000). A auto-eficácia e os aspectos comportamentais de crianças com dificuldade de aprendizagem. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13, 327-336.
- MICHELSON, L. e WOODS, R. (1984). Development and psychometric properties of the Children's Assertive Behavior Scale. *Journal of Behavioral Assessment*, 4(1), 3-13.
- MORRISON, B. (2006). School bullying and restorative justice: Toward a theoretical understanding of the role of respect, pride, and shame. *Journal of Social Issues*, 62(2), 371-392.
- PAIVA, M. O. (2003). *Comportamentos Disruptivos dos Adolescentes na Escola: Influências do Autoconceito, Sexo, Idade e Repetência*. Tese de mestrado, não publicada. Porto: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa.
- PILATI, R. e LAROS, J.A. (2007). Modelos de equações estruturais em Psicologia: Conceitos e aplicações. *Psicologia: Teoria e Prática*, 23(2), 205-216.
- RIGBY, K. e SLEE, P.T. (1993). Dimensions of interpersonal relating among Australian school children and their implications for psychological well-being. *Journal of Social Psychology*, 133(1), 33-42.
- ROMITO, P. e GRASSI, M. (2007). Does violence affect one gender more than the other? The mental health impact of violence among male and female university students. *Social Science & Medicine*, 65, 1222-1234
- ROSEN, L.H., PRINCIPE, C.P. e LANGLOIS, J.H. (2013). Feedback seeking in early adolescence: Self-enhancement or self-verification? *Journal of Early Adolescence*, 33(3), 363-377.
- SMETANA, J.G., CAMPIONE-BARR, N. e METZGER, A. (2006). Adolescent development in interpersonal and societal contexts. *Annual Review of Psychology*, 57, 255-284.
- SMITH, P. e SHARP, S. (1995). *School bullying: insight and perspectives*. London: Routledge.
- SULLIVAN, K. (2000). *The anti-bullying handbook*. Oxford University Press: Auckland.
- TABAEIAN, S.R., AMIRI, S. e MOLAVI, H. (2012). Factor analysis, reliability, convergent and discriminate validity of The Peer Relationships Questionnaire (PRQ). *Studies in Learning & Instruction*, 3(2), 17-19.
- VEIGA, F. H. (1995). *Transgressão e autoconceito dos jovens na escola*. Lisboa: Fim de Seculo.
- VEIGA, F. H. (2007). Avaliação da Disrupção Escolar dos alunos: novos elementos acerca das escalas EDEI e EDEP. In S. N. Caldeira (Coord.), *(Des)ordem na escola – mitos e realidades* (pp. 133-167). Coimbra: Quarteto.

VEIGA, F.H. (1991). *Autoconceito e disrupção escolar dos jovens: Conceptualização, avaliação e diferenciação*. Tese de Doutoramento não publicada. Lisboa: Universidade de Lisboa.

WEINBERG, M. K., TRONICK, E. Z., COHN, J. F. e OLSON, K. L. (1999). Gender differences in emotional expressivity and self-regulation during early infancy. *Developmental Psychology*, 35(1), 175-188.